

QUASE UM DEPOIMENTO: TROCAS CULTURAIS E ASSIMETRIA SIMBÓLICA*

João Cezar de Castro Rocha
(UERJ / CNPq)

O sentido de uma homenagem

Este número especial de **Fragmentum** presta uma merecida homenagem a José Luís Jobim, professor, pesquisador e ensaísta dos mais respeitados e, sobretudo, dos mais queridos pela comunidade acadêmica. Além de sua relevante produção, Jobim também é reconhecido pela sua incomum capacidade de realização, evidenciada durante sua bem-sucedida presidência da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC) - 2006-2007 - e comprovada tanto em sua participação em associações, no Brasil e no exterior, quanto em sua colaboração frequente para órgãos de fomento e pesquisa.

De fato, os textos e depoimentos aqui coligidos abordam a contribuição de José Luís Jobim em todos esses campos. Nas breves observações a seguir, proponho um exame de sua obra, a fim de identificar os temas recorrentes e as preocupações que definiram o seu percurso intelectual.

Um caminho

O último livro de José Luís Jobim, **Literatura e cultura** (JOBIM, 2013), relaciona-se intrinsecamente com o projeto descortinado em seus títulos anteriores e, ao mesmo tempo, anuncia novos caminhos. Talvez seja mais correto dizer, em uma perspectiva inspirada no olhar cubista, que se trata de buscar um ângulo novo para iluminar o mesmo conjunto fundamental de questões.

Princípio, portanto, pelo primeiro livro de José Luís Jobim, **Literatura e encenação**, originalmente sua dissertação de mestrado. A premissa que estimulou seu trabalho já traz as marcas da reflexão que seria aprofundada nos livros seguintes:

Pode haver Encenação sem Literatura Dramática (como também Literatura

* Texto parcialmente escrito para publicação na revista *Brazil/Brasil*.

Dramática sem Encenação): a história nos fornece exemplos concretos disso. Há tipos de Encenação que tradicionalmente não recorrem a texto, como a Mímica por exemplo (JOBIM, 1980, p. 87).

Nesse trabalho, Jobim procurou entender a diferença fundamental entre, digamos, a permanência possibilitada pelo texto escrito e a radical transitoriedade da performance, que se esgota no próprio ato de sua realização.

Nas palavras do autor:

[...] se tomarmos uma mesma obra de arte literária dramática, verificaremos, por exemplo, que um encenador do século XVI poderá ter feito dela uma leitura diferente da leitura de um encenador do século XX, o que poderá ocasionar encenações diferentes entre si. Mas dentro destas variantes, haverá sempre uma invariante: o texto dramático, do qual partiram estas encenações (Idem, p. 137).

Destaque-se a sutil dialética: é precisamente o caráter “fixo” do texto o que assegura a metamorfose das encenações. Essa oscilação entre polos opostos caracteriza os exercícios críticos do autor, estimulando o princípio de uma radical contextualização dos lugares de enunciação discursiva – como mostrarei adiante.

Por isso mesmo, no seu livro seguinte, **A Poética do Fundamento** (JOBIM, 1996), é preciso ler o título com uma pitada de sal. Ora, ao contrário do que uma leitura apressada poderia sugerir, não se tratava de buscar os cimentos de uma poética dos gêneros ou, em sentido ainda mais ontológico, de encontrar os elementos para uma definição atemporal da experiência literária. Na avaliação exata de Luiz Costa Lima:

A História se historicizou a si mesma: passou a contar com a própria temporalidade das categorias com que opera. O livro que Jobim ora publica pressupõe essa mudança radical (LIMA, 1996, p. 10).

Tal orientação atravessa os ensaios do livro, mas se explicita no texto dedicado ao exame dos pressupostos da “História da Literatura”; instância ideal para surpreender a historicização do próprio objeto de estudo:

O que a própria História da Literatura nos mostra é que houve sucessivas e diferentes representações daquilo a que chamamos ‘literatura’. Ou seja, a nossa civilização ocidental concebeu de modos diferentes o que denominou ‘literatura’: dependendo do momento, do ponto de vista, do lugar a partir do

qual se fale, ela pode não ser a mesma coisa (JOBIM, 1996, p. 67, destaques do autor).

Trata-se de passagem-chave para compreender o percurso crítico de José Luís Jobim.

De um lado, a dimensão propriamente temporal anuncia a diferença de sentidos, diferença essa produzida de acordo com contextos particulares de enunciação, assim como informada pela *Weltanschauung* definidora deste ou daquele momento histórico. Assim, a operação crítica exige a reconstrução de ambientes históricos determinados, levando-se em consideração o regime discursivo dominante à época.

De outro lado, Jobim adiciona uma nova ordem de contextualização, agora voltada para a identificação rigorosa do lugar a partir do qual se fale. Naturalmente, não se trata de investigação geográfica, porém do reconhecimento das hierarquias que atribuem autoridade aos discursos.

Desse modo, a contextualização radical é a marca da reflexão de José Luís Jobim.

No livro seguinte, **Formas da teoria** (JOBIM, 2002), a dupla inscrição, espaciotemporal, se aprofundou, radicalizando ainda mais a contextualização dos objetos culturais, histórica e espacialmente investidos de significação. Ademais, neste livro, Jobim adiciona uma nova variável à reflexão acerca dos lugares e dos tempos dos discursos: a importância da materialidade dos meios de comunicação.

Tal aspecto, aliás, é observado por Hans Ulrich Gumbrecht:

[...] todas aquelas idas e vindas continuam a ser permeadas e tornadas complexas pelas realidades de um novo ambiente de meios, cuja ambiguidade só se tornou mais poderosa (GUMBRECHT, 2002, p. 13).

Particularmente no ensaio “A produção textual e a leitura: entre o livro e o computador”, Jobim amplia seu horizonte, incorporando um elemento novo na equação espaciotemporal que dominou seus livros anteriores.

Vejamos uma passagem-chave nessa constelação de temas:

Considerando que o sistema de produção e circulação de textos em meio digital, até por ser muito posterior ao tradicional sistema de circulação em livros, paga tributo à tradição do livro como um objeto relevante, pode ser mais fácil perceber o quanto a literatura e a produção textual no computador se esforçam em fazer referência, quando não reduplicar, aspectos da palavra impressa em livros (JOBIM, 2002, p. 221).

Vale dizer, a equação agora reúne três fatores: tempo, espaço e materialidade dos meios de comunicação. Assim, a tarefa do analista equivale à arqueologia de formas, formas essas compreendidas num tempo determinado, associadas a lugares específicos de enunciação, invariavelmente incorporando a dinâmica própria do meio de comunicação dominante na enunciação.

Ampliando o horizonte

No último livro, **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**, essas questões convergem para o que se pode considerar o livro, até agora, mais bem-sucedido de José Luís Jobim¹.

Vejamos como seus “campos de força”, retomando o vocabulário do livro anterior, e corretamente destacado no prefácio de Hans Ulrich Gumbrecht, concentram os aspectos discutidos até aqui.

Essa dimensão foi sugerida pelo autor, ao recordar a ênfase de seu trabalho:

[...] formulei questões sobre como, por que, para que, a partir de que princípios e com que termos conceituais estes processos foram produzidos e recebidos (JOBIM, 2013, p. 9-10, destaques do autor).

O princípio de uma radical contextualização ajuda a entender a estrutura do livro: os primeiros quatro capítulos tratam fundamentalmente do caráter histórico dos conceitos de passado, história literária, o “novo”, identidade nacional, e, por fim, discute-se o alcance e o significado da propalada “crise da cultura”. Nos três capítulos seguintes, Jobim lida, sobretudo, com deslocamentos temporais e suas consequências estéticas e cognitivas. Por fim, do oitavo ao décimo capítulo, o exame de ângulos diversos do conjunto da obra de Mário de Andrade permite desenvolver estudos de caso, a fim de aprofundar as intuições expostas nos capítulos anteriores.

Exemplar desse cruzamento de preocupações é o oitavo capítulo, “O original e o próprio, o derivado e o impróprio: Mário de Andrade e as trocas e transferências literárias e culturais”. O parágrafo de abertura esclarece a posição do ensaio no projeto do livro (a citação é longa, mas ajuda a

¹ Nesta nota não tratarei de **A crítica literária e os críticos criadores no Brasil** (Rio de Janeiro: Editora Caetés / EdUERJ, 2012), pois me concentro na análise dos livros que lidam direta ou indiretamente com o processo de radical contextualização.

sintetizar o rumo da reflexão proposta por José Luís Jobim):

No primeiro capítulo, já fiz uma primeira abordagem da correspondência entre Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade nos anos vinte do século passado. [...] Mário de Andrade também produz uma teorização – que podemos observar emergindo na década de vinte – sobre como se operam as trocas e transferências literárias e culturais. E esperamos demonstrar que suas ideias sobre o sentido dos processos de apropriação e transformação do material “alheio” – tanto no sentido mais pessoal, de um poeta para outro, quanto no sentido mais abrangente, de uma literatura nacional para outra – ainda são pertinentes e atualizadas no quadro das discussões contemporâneas sobre estes temas (JOBIM, 2013, p. 151, destaques do autor).

Chegamos, assim, à dimensão mais complexa da atual reflexão do autor. Vale dizer, além da associação do plano espaciotemporal com a materialidade dos meios de comunicação, Jobim agora se pergunta sobre os modos concretos de assimilação do alheio na confecção do próprio. Desse modo, ele busca inaugurar uma reflexão de “mão dupla”, na qual importe especialmente a compreensão dos contextos nos inúmeros processos possíveis de trocas culturais.

Em outras palavras, Jobim volta sua preocupação para o contexto de recepção, valorizando o processo seletivo que leva à adoção desta ou daquela ideia. Por que tal ou qual sistema filosófico foi assimilado em lugar de outras inúmeras possibilidades? Como caracterizar os fluxos e circuitos que definem os sistemas literários? Vale dizer, mais do que destacar a “origem” dos sistemas simbólicos – o que geralmente conduz à eterna busca de “influências” – Jobim se pergunta pelas torções e adaptações que ocorrem em todo processo de trocas culturais.

As teorias também viajam, conforme propôs Edward Said em célebre ensaio². Jobim parece estar de acordo com a premissa, mas deseja mapear os caminhos e identificar os atalhos, pois essa é uma viagem cujo ponto de chegada é mais importante do que o porto de partida. Esse deslocamento de perspectiva é muito promissor. Trata-se, sobretudo, de compreender o caráter dinâmico do fenômeno de intercâmbio envolvendo culturas diversas.

Devemos, pois, aguardar os próximos livros de José Luís Jobim, a fim de acompanhar o aprofundamento das hipóteses apresentadas em **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**.

² SAID, 2000, p. 195-217.

Referências

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Prefácio”. In: JOBIM, José Luís. **Formas da teoria**. Sentidos, conceitos, políticas campos de força nos estudos literários. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

JOBIM, José Luís. Literatura e encenação. In: SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de; JOBIM, José Luís. **Teoria Literária: ensaios**. Rio de Janeiro: Cronos, 1980.

_____. **A Poética do Fundamento**. Ensaios de Teoria e História da Literatura. Niterói: EdUFF, 1996.

_____. **Formas da teoria**. Sentidos, conceitos, políticas campos de força nos estudos literários. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

_____. **A crítica literária e os críticos criadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Caetés / EdUERJ, 2012.

_____. **Literatura e cultura: do nacional ao transnacional**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

LIMA, Luiz Costa. “Apresentação”. In: JOBIM, José Luís. **A Poética do Fundamento**. Ensaios de Teoria e História da Literatura. Niterói: EdUFF, 1996.

SAID, Edward. Traveling Theory. In: BAYOUMI, Mustafa; RUBIN, Andrew (Ed.). **The Edward Said Reader**. New York: Vintage Books, 2000.